

Johann Martin Chladenius e o pensamento histórico alemão no século XVIII.

Julio Bentivoglio¹

Sem nenhum exagero pode-se dizer que Chladenius (1710-1759) tem um papel decisivo na fundamentação do pensamento e na ciência histórica alemã setecentista. Sua obra discute princípios elementares que foram utilizados e desenvolvidos pelas gerações subseqüentes, ao elaborar uma sistemática exposição da natureza de um saber em vias de assumir um caráter sistemático e científico. Neste sentido, foi um dos precursores da ciência histórica alemã em formação, responsável por circunscrever um campo no qual residiriam os estudos sobre o passado, retirando-o do horizonte das reflexões filosóficas e dos do universo dos gêneros literários. Chladenius realizou um esforço epistemológico inaugural ao precisar conceitos, indicar procedimentos de pesquisa e investigação, e enfim, ao determinar, a seu modo, objeto, método e a natureza específica dos estudos históricos. Ele atribuiu à história um papel organizador; o conhecimento histórico assumiria um lugar preponderante na formulação e produção dos demais saberes. Assim, sua *Ciência Histórica Geral* de 1752 configura o estabelecimento de marco para o nascimento da ciência histórica moderna *pari passu*, bem como apresenta um entendimento radical da historicidade do ser e do próprio pensamento.

Chladenius estudou em Coburg e formou-se na Universidade de Wittenberg. Lecionou em Leipzig e em seguida transferiu-se para a Universidade de Erlangen onde permaneceu pelo resto de sua vida. Em estudos, há forte presença da filologia e da exegese bíblica de orientação luterana, mas também uma influência decisiva do pensamento de Leibniz (1646-1716) e de Christian Wolf (1679-1754). Pode-se dizer que em sua *Ciência Histórica Geral*, Chladenius deu os primeiros passos para a constituição da história como um conhecimento autônomo, visto combater o pirronismo

¹ Professor Adjunto de Teoria e Metodologia da História do PPGHIS-UFES/ DEPHIS-UFES. Pesquisador do CEO-PRONEX, Colaborador do Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia (USP), Pesquisador do Núcleo de Teoria e História da Historiografia (PUC-RS), Pesquisador do Grupo de Pesquisa História e Identidade de São Paulo (USP), Membro da Associação Brasileira de Teoria e História da Historiografia (ABTHH), Pesquisador do LEHPI (Laboratório de História Política e das Idéias – UFES), Membro do Conselho Editorial de *História da Historiografia* (UFOP), Pesquisador do Grupo Teoria, Metodologia e interpretações na história da historiografia do Brasil (UEMS), Editor de *Ágora* (UFES), Diretor da ANPUH-Seção/ES.

histórico arraigado de seu tempo e restringir o otimismo excessivo do racionalismo hermenêutico wolfiano. De todas suas contribuições, uma das maiores trata do conceito de ponto de vista (*Sehepunkt*) como um elemento central para a compreensão das diferentes narrativas e descrições do mundo. Em suas palavras,

A experiência ensina que, em dependência de seu estado interior, ao usar os seus sentidos, o ser humano passa em determinado momento a perceber as coisas que antes não havia percebido, ou então não toma rapidamente conhecimento de coisas que outra pessoa percebe logo. Ele também pode ver as mesmas coisas de modo diferente, podendo percebê-las de modo repulsivo, agradável, leve, lento, de acordo com a saúde e disposição de seu corpo, ou ainda pode ver de modo diferente se estiver com alguma dificuldade (CHLADENIUS, 1752: 235)

O ponto de vista seria, portanto, “o estado interior e exterior de um espectador, do qual emana uma determinada e específica forma de visualizar e considerar as coisas que se lhe apresentam” (CHLADENIUS, 1752: 236). Questão decisiva para a história e para a produção do conhecimento, o *Sehepunkt* torna-se um conceito central em seu pensamento, diretamente relacionado à sua compreensão hermenêutica. E neste sentido, Chladenius coloca a subjetividade como um elemento inerente a qualquer tipo de investigação, pois

O fato de alguém ter uma relação com pessoas isoladas ou instituições éticas ou ainda com determinados interesses, atos e negociações, ou estar envolvido nisso, faz parte de sua posição (§4, Capítulo 4). Cada pessoa observa o assunto de acordo com a relação específica que ela tem com este assunto (§6, 5, 7). Por conseguinte, a ideia ou a visualização da história se orienta pela posição de cada espectador, de tal modo que a posição do espectador é responsável pelo fato de ele perceber ou uma, ou outra coisa, ou de ele observar o assunto por um lado e um outro espectador, por outro lado. (CHLADENIUS, 1752: 237)

Chladenius é o sobrenome latinizado Johann Martin Chladni, que nasceu em Wittenberg em 17 de abril de 1710 (celebraram-se seus 300 anos de nascimento neste ano de 2010) e faleceu em Erlangen a 10 de setembro de 1759. Era filho do professor de teologia e prelado Martin Chladen; descendia de uma família de origem húngara e

freqüentou a Academia de Coburg, onde estudou matemática, história, filologia e teologia. Em 1729 foi promovido a professor auxiliar e em 1731 obteve o grau de professor sob a supervisão Johann Matthias Hase (1684-1742), cujos estudos cartográficos haviam precisado a correta representação da geografia de muitos territórios não somente europeus, mas de várias partes do globo, inclusive a África, indicando corretamente latitudes e longitudes. Entre 1740 e 1741, Hase ofereceu um curso de Geografia e História amparados numa discussão de base cronológica, ou seja, acompanhando a evolução dos estudos nessas áreas ao longo do tempo. Chladenius lecionou durante dez anos em Wittenberg até ser convocado para assumir uma cadeira na Universidade de Leipzig, onde se tornou, em 1742, professor extraordinário da disciplina Antiguidades Cristãs, dedicando-se a estudar a história da Igreja e do pensamento cristão. Em 1747, Chladenius foi nomeado diretor e pedagogo na Academia de Coburg e no ano seguinte foi convocado para a cadeira de teologia, poética e retórica na Universidade de Erlangen, onde se tornou, em 1756, pró-reitor.

Seu apreço por Gottfried Leibniz é evidente, não por acaso contingência, determinação e lógica, em diferentes momentos e proporções, articulam seu pensamento. Igualmente sua utilização da hermenêutica, inspirada em Christian Wolf. De algum modo, é possível perceber seus esforços em conciliar os princípios metodológicos deste último à suas convicções religiosas ao tratar das questões religiosas². Wolf postulava uma interpretação *profana* dos textos, procedimento adotado por Chladenius, o qual se contrapunha à exegese bíblica e à filologia dos textos clássicos da Antiguidade greco-romana, orientando-a, sobretudo, para a compreensão da historicidade dos textos e da autoria. Wolf e Schleiermacher, mas também Chladenius, podem ser considerados como precursores de uma análise compreensiva da autoria e dos testemunhos, precursores da hermenêutica moderna.

No início de sua carreira, Chladenius já havia produzido um estudo pioneiro de hermenêutica, situando-se ao lado de Johann Jacob Rambach (1693-1735), que ainda se ressentia de certa postura romântica desta técnica de compreensão dos textos, na qual o intérprete via-se como capaz de compreender melhor o pensamento de um autor do que ele próprio. Diferenciava-se, contudo, das ideias de Johann Conrad Dannhauer (1603-

² Como se observa nesta passagem: “Pode-se, portanto, duvidar de que um saber mais exato da constituição do conhecimento histórico não seja uma introdução muito boa para a compreensão de muitas partes da Escritura Sagrada?” (CHLADENIUS, 1752:39).

1666), Christian Thomasius (1655-1738) e Johann Heinrich Zopf (1721-1791) neste campo, ao distinguir as tarefas da hermenêutica e das disciplinas congêneres (filologia, exegese, paleografia), prenunciando uma consciência histórica moderna.

Na *Allgemeine Geschichtswissenschaft*, contudo, ele propõe alguns princípios metodológicos mais amadurecidos e que assumem um papel revolucionário para a futura teoria da história, nos quais a hermenêutica exerceria um papel-chave, no esclarecimento de pontos obscuros e como auxiliar da crítica documental. Não havia ainda, naquela altura, a *Historik* (teoria da história), apenas *Histories* e, mais propriamente, *histórias universais*. Mas, Chladenius realiza incursão fundadora neste campo, integrando reflexão lógica e procedimentos analíticos hermenêuticos como instrumentos metodológicos para a produção de histórias, erigindo um alicerce sob o qual poderiam se elevar todas as ciências, que deveriam se destituir de suas orientações exclusivamente teológicas. Não por acaso esta hermenêutica passou a ser denominada de hermenêutica profana. É esta contribuição que o torna, um de principais teóricos da história; Chladenius fundamenta o estudo do passado na pesquisa empírica, na crítica documental e no recurso à compreensão (*Verstehen*). Mas a *Ciência Histórica Geral* não pára aí, ela revela o quanto os testemunhos são marcados pelo perspectivismo, pela presença de pontos de vista que precisam ser detectados e problematizados pelos estudiosos em sua busca da certeza histórica.

Em seu tratado geral da ciência histórica Chladenius oferece aos leitores temas que estão, ainda hoje, no cerne do debate histórico. O que é um evento? Qual a diferença entre eventos internos e externos? O que são circunstâncias? Que tipo de testemunhos e divulgações são dignos de crédito? O que é uma história? O que é uma narrativa? As coisas futuras devem ser objeto da investigação histórica? Estas e várias outras questões são discutidas, tratando tanto da heurística – indicando o caminho da crítica documental e sua aplicação para os estudos históricos – quanto da sistemática, ao discutir procedimentos analíticos, hermenêuticos e lógicos a serem empregados para se perscrutar a intenção e o sentido das ações humanas, a fim de definir níveis de probabilidade e o grau da certeza em História. Do mesmo modo ele não se esqueceu de outra dimensão fundamental da História: a escrita, dedicando muitas páginas do livro ao problema da narrativa. Depois de Chladenius, apenas Droysen teria realizado tarefa de igual envergadura na fundamentação do conhecimento histórico alemão.

A *Allgemeine Geschichtswissenschaft* foi publicada pela primeira vez em 1752, completará 260 anos em 2012. E não recebeu nenhuma tradução, embora os maiores nomes da historiografia alemã reconheçam sua dívida e referência para com esta obra de Chladenius: Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Leopold von Ranke (1795-1886), Johann G. Droysen (1808-1884)³, Georg G. Gervinus (1805-1871), Wilhelm Dilthey (1833-1911) e, mais recentemente, Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Reinhart Koselleck (1923-2006). Para este último, Chladenius teria demonstrado como seria impossível ao historiador uma neutralidade absoluta bem como a necessidade de submeter os testemunhos existentes à crítica, visto desde a Antiguidade os historiadores destacarem os primeiros testemunhos, se possível oculares, face a divulgações escritas posteriores (KOSELLECK, 2006: 168). Afinal,

A partir de Chladenius, os historiadores passaram a ter mais certeza sobre o fato de que podem vislumbrar na verossimilhança uma forma particular, mas ainda assim histórica, da verdade. Desde então, a posição do historiador deixa de ser um argumento contra o conhecimento histórico, passando a constituir um pressuposto desse conhecimento. (KOSELLECK, 2006: 170)

Chladenius não vê a história como um saber exemplar⁴ –*magistra vitae* – e inaugura uma acepção moderna deste saber, ele a vê como um conhecimento articulador obrigatório. Para ele, seria necessário tratar cada testemunho, não somente a partir de sua relatividade, mas também por sua contraditoriedade. Ranke a seu modo, manteve a agenda de Chladenius ao confessar que “tudo se interpenetra: estudo crítico das fontes autênticas, interpretação apartidária, representação objetiva; a meta é a presentificação da verdade completa (...) pois a verdade só pode ser uma” (RANKE, 1881: 10). Em estudo recente Achim Saupe denominará esta postura de detetivesca, pois o historiador lida com os vestígios como um verdadeiro detetive (SAUPE, 2009: 11-4). Gervinus também seguiu este princípio, buscando uma história mais imparcial e apartidária⁵.

³ Droysen o manifesta explicitamente indicando literalmente Chladenius e sua contribuição para a crítica documental, ao lado de Niebuhr. Ver DROYSEN, J. G. *Manual de teoria da história*. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁴ Que significa o fim do entendimento da história como *magistra vitae*. Cf. KOSELLECK, R. *História, história*. Barcelona: Trotta, 2002.

⁵ Ver minha Apresentação de GERVINUS, G. G. *Fundamentos de teoria da história*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Mas, foi Koselleck que aquilatou como nenhum outro a importância do pensamento de Chladenius para a ciência histórica moderna, embora tenha se enganado – a meu ver – ao dizer que para aquele autor a história e sua representação (narrativa) são coincidentes (KOSELLECK, 2006: 169), afinal Chladenius reconhecia que a imagem original dos eventos sempre seria fragmentada nas inúmeras interpretações e narrativas proferidas sobre eles, seja pelas testemunhas, seja por terceiros, seja pela historiografia. Seu fundamento teórico acerca do ponto de vista permanece praticamente insuperável para a história ao revelar que a crítica das fontes possui um valor intrínseco que não pode ser simplesmente modificado a bel-prazer, por comprometimentos ideológicos ou partidarismos dos historiadores.

A leitura de seus princípios gerais para a ciência histórica faz saltar aos olhos a influência do pensamento jurídico e teológico setecentista, ao lado, sobretudo, de Aristóteles. Igualmente reflexões que aliam convicções religiosas a um racionalismo notável, tingidas de um otimismo quase *romântico* em sua defesa da perspectiva interior, do ponto de vista individual e dos nexos que estes estabelecem a partir das experiências vividas. Destas reflexões, seguramente frutificaram os diálogos que posteriormente fariam com o pensamento de Chladenius tanto Fichte quanto de Goethe ou Schiller. Tais motivos indicam sua pertença tanto às raízes do movimento romântico que se constituía quanto da gestação do próprio historicismo⁶. Mas, a originalidade de suas ideias obriga que se mantenha seu pensamento singular sob distância de rótulos generalizantes, como também de situá-lo, ufanisticamente, como precursor de temas e correntes surgidas posteriormente, tal como seria o caso, por exemplo, do princípio da racionalidade nas ações humanas – tema fundamental da sociologia weberiana, ou o da subjetividade e da percepção interior para a filosofia romântica.

Outra contribuição importante nesta obra é a crítica que realiza ao pirronismo reinante, que colocava sob desconfiança os *textos históricos* existentes – como sendo recheados de lendas e imprecisões que vinham sendo sistematicamente postas à prova com as novas técnicas, saberes e descobertas⁷. Mas, ao mesmo tempo renovavam-se

⁶ O que reforça a interpretação de Cassirer sobre as conexões do romantismo e do historicismo na conquista do mundo histórico. Ver CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

⁷ Essa desconfiança aparece também no início do século XIX, em Schlegel, quando afirma que seria uma ilusão acreditar numa verdade da história, em “estado puro, apenas nos assim chamados autores apartidários ou neutros”. SCHLEGEL, Friedrich. *Über fox und dessen historischen Nachlass* (1810).

convicções sobre uma maior veracidade nos testemunhos oculares, cujos registros eram considerados mais fidedignos. O pensamento de Chladenius moveu-se dentro deste quadro, criticamente⁸. Para ele o ponto de vista dos indivíduos constitui um universo de relatos possíveis, motivados por circunstâncias particulares, que expressam as dificuldades inerentes para todo aquele que deseja encontrar a verdade. A partir dos testemunhos diretos ou de sua divulgação caberia ao historiador encontrar suas relações e circunscrever um determinado evento na temporalidade, observando suas relações, seu início e seu fim, auferindo ainda a certeza nas histórias, eliminando-se afirmações falsas, deturpadoras ou equivocadas frequentes tanto em testemunhos oculares quanto nas memórias e em interpretações posteriores. A seu modo realizou a crítica da escrita da história, como sendo algo rigorosamente neutro ou imparcial. Chladenius sabia que esta meta só poderia ser atingida muito parcialmente. A perfectibilidade das histórias, portanto, deveria partir dessa crítica inicial dos testemunhos e residir na correta urdidura tramada pelo historiador, localizado historicamente segundo suas próprias circunstâncias e situando historicamente as circunstâncias dos vestígios testemunhais do passado. De acordo com Koselleck, Chladenius participa do mérito de revelar que

uma fonte não pode dizer nada daquilo que cabe a nós dizer. No entanto, ela nos impede de fazer que não poderíamos fazer. As fontes têm poder de veto. Elas nos proíbem de arriscar ou de admitir interpretações, as quais, sob a perspectiva da investigação de fontes, podem ser consideradas simplesmente falsas ou inadmissíveis. (KOSELLECK, 2006: 188)

Na seara aberta por Chladenius, presente-passado-futuro foram integrados, problematizando a consciência histórica e referendando as experiências vividas e representadas pelas narrativas. Com ele a crença numa posição privilegiada da testemunha ocular caiu por terra. A partir de então o passado deveria ser reconstruído mediante a crítica. Em relação à escrita da história, Chladenius ocupa um lugar semelhante ao de Johann S. Semler (1725-1791), ambos distinguem entre a história real e sua reprodução narrativa, indicando que o papel do historiador seria sempre o de reelaborar criticamente a historiografia anterior (SEMLER, 1777: 9s). Semler foi um

In: *Kritische Ausgabe*. Munique: Padeborn, t.8, 1966, p.115.

⁸ Esforço semelhante foi vivido na França, sobretudo com Jean Mabillon (1632-1707), o fundador da paleografia e da diplomática.

crítico mordaz do Novo Testamento e da Bíblia como um todo ao defender a historicidade da produção daqueles textos. Ele representou um esforço em compreender os textos bíblicos com o auxílio da história e das ciências, questionando a doutrina da inspiração e apelando para as contingências da escrita. Para Semler não seria possível traduzir as declarações feitas como paralelas ao tempo presente, pois as escrituras tinham dívida para com seu tempo.

A aparente simplicidade das proposições chladenianas oculta um conhecimento amadurecido e firmemente ancorado na lógica, na hermenêutica e na experiência de leituras sólidas, que surgem a todo instante em seu texto, de autores de várias tradições históricas e filosóficas o que evidencia sua erudição e seu estilo elegante. Em um cenário historiográfico dominado pela tradição francesa, como é o caso brasileiro, conhecer obra fundadora responsável por uma verdadeira inflexão na gênese da ciência histórica moderna é uma oportunidade auspiciosa de localizar e refletir sobre o papel da teoria da história na constituição deste saber, bem como de estabelecer relações fecundas entre estas duas tradições decisivas do pensamento histórico ocidental. A *Allgemeine Geschichtswissenschaft* tem a virtude de revelar aos seus leitores como o perspectivismo histórico e a historicidade são aspectos essenciais em nosso campo. Igualmente, como ponto de vista e consciência histórica são conceitos que permitem aquilatar com mais propriedade o debate travado entre os defensores da objetividade e os representantes do relativismo no interior dos estudos históricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTIVOGLIO, Julio. Apresentação. In: GERVINUS, G. G. *Fundamentos de teoria da história*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Ed.Unicamp, 1992.
- CHLADENIUS, J. M. *Allgemeine Geschichtswissenschaft*. Leipzig: Friedrich Landisches Erben, 1752.
- DROYSEN, J. G. *Manual de teoria da história*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSELLECK, R. *História, história*. Barcelona: Trotta, 2002.
- RANKE, Leopold von. *Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation*. 6.ed. Leipzig, t.1, 1881.

SAUPE, Achim. *Der Historiker als Detektiv: Historik, Kriminalistik und der Nationalsozialismus als Kriminalroman*. Bielefeld: Transcript, 2009

SCHLEGEL, Friedrich. Über fox und dessen historischen Nachlass (1810). In: *Kritische Ausgabe*. Munique: Panderborn, t.8, 1966.

SEMLER, Johann S. *Versuch einer freieren theologischen Lehrt*. Halle, 1777.